

Paulo, Líder de uma Revolução Judaica
N. T. Wright, Bible Review, Dezembro de 2000

A teologia de Paulo – baseada no pensamento judaico e nas escrituras – o impulsionou a confrontar os poderes de Roma e dos deuses pagãos por trás deles

Paulo pensava que Jesus era o tão esperado Messias Davídico?

O primeiro escritor cristão parece dizer isto bem no início de Romanos, sua carta mais famosa. Seu evangelho, ele escreve, é sobre o filho de Deus, “que descendia da semente de Davi segundo a carne, e declarado filho de Deus em poder, de acordo com o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos” (Romanos 1:3-4). Mas muitos eruditos, pelo menos até recentemente, negaram que o próprio Paulo tenha realmente desejado dizer isso. Ele estava, dizem, apenas apaziguando seus ouvintes romanos ao citar uma fórmula confessional que eles já conheciam, para assegurar que ele estava em sintonia com a fé deles.

Da primeira vez que eu ouvi essa linha de pensamento, suspeitei que era uma forma de des-judaizar Paulo. E eu ainda penso dessa forma. Ao argumentar que Paulo não acreditava que Jesus era o Messias Davídico, alguns pretensos eruditos cristãos estavam tentando alistar Paulo em apoio de um tipo de fé não-judaico. E alguns leitores judeus estavam ansiosos em concordar, esperando culpar Paulo por mudar a mensagem judaica de Jesus em algo diferente.

Mas essas tentativas de distanciar Paulo do judaísmo não encontram fundamento real nas linhas introdutórias de Romanos. A natureza formulaica de Romanos 1:1-7 não nos dá razão para questionar que Paulo tenha escrito essas linhas, menos ainda para negar que Paulo acreditasse nelas. De qualquer modo, por que Paulo citaria uma fórmula que ele não acreditasse, simplesmente para apresentar-se a novos leitores? Isso não faz sentido. Fazer isso seria estúpido, no melhor caso, e desonesto, no pior.

Nessa passagem, e em todos os seus escritos, o pensamento de Paulo permaneceu completamente judaico.

Agora percebo que a tentativa de resgatar Paulo de acreditar no messianismo davídico de Jesus não apenas des-judaíza Paulo, mas também o despolitiza. A afirmação de que Jesus era o Messias coloca Paulo, é claro, em conflito com aqueles judeus, antigos e modernos, que têm uma visão contrária. Mas também o coloca em conflito com Roma – a cidade para a qual a carta foi escrita. Se Jesus era o verdadeiro rei, César não o era.

Nos dias de Paulo, o culto ao imperador era a religião que se propagava mais rapidamente no mundo do Mediterrâneo. Na própria Roma, os imperadores não exigiam honras divinas completas, mas eles adotavam o título “filho de deus” - o deus em questão sendo o recém falecido e recém deificado predecessor. E nas províncias, da Grécia e Turquia até o Oriente Médio e Egito, deificação era o padrão. O povo tinha adorado governantes

antes; por que não deviam Augusto e seus sucessores, com seus extraordinários poderes, receber as mesmas honras divinas?

Então o culto imperial cresceu. Suas “boas novas” eram que César, o filho de deus, era agora o senhor do mundo inteiro, exigindo submissão de todos em troca de trazer salvação e justiça ao mundo. Resistência era tratada com a crucificação. O sistema era baseado no poder bruto.

Quando Paulo escreveu Romanos, ele não estava oferecendo uma religião bondosa ou uma fé separada do mundo do poder romano. Ele estava enfrentando o poder imperial diretamente. Nas linhas introdutórias dessa carta, Paulo anuncia que ele está indo para Roma como o mensageiro das “boas novas” de Deus, as novas sobre seu filho, o herdeiro real de Davi (em Salmos, o rei davídico dominaria o mundo inteiro). A ressurreição marcou Jesus como filho de Deus. Ele é agora o verdadeiro senhor do mundo, exigindo submissão dos judeus e dos gentios também. Paulo não se envergonha das “boas novas” porque esta mensagem – o anúncio de Jesus como o Messias e Senhor ressuscitado, o único Deus verdadeiro – revela salvação e justiça para o mundo inteiro.

Uma comparação próxima das “boas novas” do culto a César com as palavras de Paulo, mostra que Romanos é, entre outras coisas, uma paródia deliberada da mensagem pagã. Os leitores de Paulo em Roma devem ter percebido e ele deve ter planejado isso.

As idéias de Paulo não derivam do culto a César, como alguns sugeriram; elas o confrontam. Sua teologia, seu entendimento do Messias, permanece enraizado nas formas de pensamento judaicas e nas escrituras. Textos como Êxodo, Isaías e os Salmos o impulsionavam justamente a este tipo de confronto com os poderes pagãos e os deuses por trás deles. Ele é, talvez, judeu no seu máximo quando está confrontando e subjugando o paganismo.

Outra prova de que Paulo pensava dessa forma vem da muitas vezes negligenciada conclusão teológica da carta, Romanos 15:7-13. Lá Paulo afirma que o alvo do evangelho é a adoração unida, multi-étnica do único Deus verdadeiro; Paulo cita uma cadeia de versos culminando em Isaías 11:10: “Haverá uma raiz de Jessé [em outras palavras, um descendente de Davi], um que se levantará para governar as nações; e nele as nações esperarão”. Isto completa o círculo que começou em 1:3: a ressurreição estabeleceu Jesus como o Messias Davídico, o verdadeiro Senhor do mundo. Paulo, indo até Roma, deve ter sabido o quão subversivo isso soaria.

É verdade que em Romanos 13:1-7 Paulo clama que seus leitores obedeçam as autoridades, mas isso é mais subversivo do que muitas vezes se imagina. Os dominantes não são divinos; eles devem responder a Deus. Deus quer ordem, não caos; não há menção aqui de ultrapassar a tirania oficial dos governantes indicados apenas para tê-los trocados pela tirania não oficial dos bárbaros, dos fortes ou dos ricos. A revolução que Paulo tem em mente é mais profunda do que mera desobediência civil. É sobre dar ao Messias Davídico submissão total que, nos seus dias, era exigido por César. Afinal de contas, César matou Jesus, mas Deus o ressuscitou dos mortos.